

## A heterogeneidade enunciativa em “O último sonho de minha mãe” de Pedro Almodóvar

José Elenito Teixeira Morais<sup>1</sup>

“[...] visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo [...]” (Foucault, 2010, p. 10)

### Preâmbulo

Neste trabalho procurar-se-á pesquisar sobre a heterogeneidade enunciativa, conceito apresentado pela linguista francesa, Jacqueline Authier-Revuz. Feita a pesquisa, utilizaremos dos conceitos de Authier-Revuz para analisar o texto *O último sonho de minha mãe* do cineasta espanhol, Pedro Almodóvar. O texto constará de três partes substanciais (não incluiremos na qualidade substancial o preâmbulo e o epílogo). São elas: 1) *O último sonho de minha mãe*, em que discorreremos sobre o texto, para dizer de onde saiu, quem produziu e qual o gênero do texto. 2) *A heterogeneidade enunciativa*, na qual trataremos da abordagem teórica, base para analisar o texto, apresentando o conceito de heterogeneidade enunciativa, suas origens e desdobramentos. 3) *A heterogeneidade mostrada em “O último sonho de minha mãe”*, nesta parte faremos uma análise acurada do texto em busca da heterogeneidade enunciativa mostrada, uma vez que para Authier-Revuz, a heterogeneidade enunciativa constitutiva não é localizável.

### O último sonho de minha mãe

Ao abordar o texto de Pedro Almodóvar, *O último sonho de minha mãe*, é necessário observar que ele foi publicado inicialmente como artigo no jornal *El País* em 14 de setembro de 1999, sob o título *El último sueño*. Depois apareceu como um capítulo do livro *Conversas com Almodóvar* de Frédéric Strauss, publicado em francês no ano 2000. Este livro foi publicado no Brasil em 2008 e será essa versão que o artigo abordará. Não há diferença significativa quanto ao conteúdo dos dois textos.

Em síntese, o texto relata a experiência vivida pelo autor em relação à morte de sua mãe, Francisca Caballero (31/12/1912 - 10/09/1999). Almodóvar faz uma retrospectiva da sua relação com a mãe, a começar pela vida pobre que levavam no interior da Espanha, precisamente em La Mancha. Pontua a relação entre mãe e filho de forma a mostrar o papel que a mãe desempenhou na sua formação como cineasta. Relata ainda a visita que fizeram à mãe, ele e seu irmão, quando ela estava no hospital, já no leito de morte. Nessa visita a mãe dormia e foi acordada por eles e de

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teoria Literária e Crítica da Cultura no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (PROMEL-UFSJ). Graduando em Psicologia na Universidade Federal de São João del-Rei. Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. Endereço eletrônico: joseelenito@yahoo.es

acordo com Almodóvar: “Perguntou-nos se não havia uma trovoada nesse momento, e nós lhe dissemos que não.” O diretor de cinema finaliza dizendo: “De tudo que nos disse durante a última visita, foi a pergunta sobre a trovoada que ficou gravada em mim. Sexta-feira foi um dia de sol, e parte da luz entrava pela janela. Em que tempestade estava minha mãe pensando em seu último sonho?” (Caballero, 2008, p. 252)

O gênero do texto pode ser considerado como autobiográfico. Em relação a este gênero, Bajtín<sup>2</sup> nos diz: “entendo por biografia ou autobiografia (narrativa de uma vida) uma forma tão imediata quanto possível, e que me seja transcendente, mediante a qual posso objetivar meu eu e minha vida num plano artístico.” (Bajtín, 1999, p. 133). Ao apresentar uma escrita de si, um relato do seu passado, Almodóvar constrói um texto autobiográfico. Para Bakhtin (2013):

A integridade biográfica (e autobiográfica) da imagem do homem, que incorpora o que nunca pode ser objeto da própria experiência, o que foi obtido através da consciência e do pensamento dos outros (o nascimento, a aparência, etc.). O espelho. Desintegração dessa imagem integral. O que se recebe do outro e nos tons do outro e para o que não se tem o próprio tom. (Bakhtin, 2013, p. 329)

Bajtín (1999) continua a afirmar que em nossas lembranças habituais acerca do passado frequentemente é o outro que vem a ser ativo em seus tons valorativos como nós lembramos (nas lembranças da infância, este outro é a mãe, que se projeta em nós). Uma lembrança agradável acerca de um passado distante de alguém se estetiza e aproxima formalmente de uma narração. Toda lembrança do passado é um pouco estetizada.

No texto, Pedro Almodóvar coloca em cena vários personagens. Interessante enfatizar que o ato de colocar em cena é algo pertinente à sua função de diretor de cinema. Ao apresentar os seus personagens, transforma-os em atores, dando-lhes textos e atuações. O seu discurso polifônico, no sentido bakhtiniano, é atravessado por diversos discursos de personagens que de certa forma fazem parte da constituição do sujeito Pedro Almodóvar Caballero, a saber: a mãe, Federico García Lorca, habitantes de La Mancha, a irmã Antonia, Agustín Almodóvar e uma enfermeira. Todos estes autores de diversos enunciados estão em diálogo no texto.

## **A heterogeneidade enunciativa**

O conceito de heterogeneidade enunciativa foi apresentado por Jacqueline Authier-Revuz através de um artigo publicado em 1984, denominado *Hétérogénéité(s) énonciative(s)*. No Brasil, este artigo foi publicado em 1990, sob o título *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*, pela revista Cadernos de Estudos Linguísticos da Unicamp. O interesse que a autora tem para este trabalho diz respeito à sua concepção do sujeito. Para produzir o seu estudo, Authier-Revuz se baseou no

---

<sup>2</sup> Como o texto utilizado aqui é a versão espanhola da obra *Estética da criação verbal*, o nome do autor será mantido como é transliterado do russo para o espanhol. Quando referir a textos do mesmo autor em português, utilizar-se-á a transliteração portuguesa Bakhtin.

conceito bakhtiniano de dialogismo<sup>3</sup> e nos trabalhos de Freud, revisitado por Lacan, acerca da relação do sujeito com o seu discurso.

Segundo Authier-Revuz (2004, p. 68-69), ao considerar o dialogismo bakhtiniano, é útil assumir o discurso de que “a língua só se realiza atravessada pelas variedades de discurso que se relativizam umas às outras em um jogo inevitável de fronteiras e de interferências”. E diz mais ainda que a palavra não vem neutra do dicionário, antes é perpassada pelo discurso de onde se origina. Assim, “o discurso se constitui, pois, por um encaminhamento dialógico, feito de acordos, recusas, conflitos, compromissos... pelo “meio” dos outros discursos”. Pondera ainda que “entre esses outros discursos, aquele que o locutor empresta ao interlocutor determina, através de um parâmetro dialógico específico, o processo dialógico de conjunto”.

Outro discurso que Authier-Revuz dá lugar em seu texto é o discurso psicanalítico. Freud, reverberado por Lacan, faz entender que a palavra, seja ela qualquer palavra e não apenas a palavra psicanalítica, é dita sob outras palavras. O discurso é constitutivamente atravessado pelo discurso do “Outro”. A teoria psicanalítica do descentramento do sujeito tem relação direta com a teoria da heterogeneidade da palavra. Dessa maneira afirma a autora que “para um sujeito dividido, “clivado” (e não “desdobrado”), não há centro, de onde emanariam, particularmente, o sentido e a fala, fora da ilusão do fantasma; mas manter esta ilusão de um centro é a função necessária e normal do eu para o sujeito” (Authier-Revuz, 2004, p. 69). Na mesma lauda a linguista continua a dizer que o sujeito “é um “efeito de linguagem”, não existe, fora da ilusão – aqui também necessária e normal – posição de exterioridade em relação à linguagem, de onde o sujeito falante poderia tomar distância”.

Authier-Revuz (2004) distingue dois tipos de heterogeneidade: constitutiva e mostrada. A heterogeneidade constitutiva não aparece na superfície e relaciona determinado discurso com todos os discursos anteriormente gerados. Em outras palavras, a interdiscursividade constitutiva se apresenta no trabalho de um discurso sobre outros discursos. O encontro de ambos os discursos pode ser interpretado como um processo de tradução generalizada e ligado à intercompreensão.

Enquanto que a heterogeneidade constitutiva corresponde aos processos reais de constituição de um discurso, a heterogeneidade mostrada está relacionada aos processos de representação de tal constituição na superfície enunciativa. Os dois níveis mantêm certa simetria com algumas oposições: o locutor psicanalítico versus o locutor narrador. A heterogeneidade mostrada, não é independente da heterogeneidade constitutiva, e “corresponde a uma forma de negociação – necessária – do sujeito falante com essa heterogeneidade constitutiva – inelutável,

---

<sup>3</sup> “O “dialogismo” do círculo de Bakhtin, como se sabe, não tem como preocupação central o diálogo face a face, mas constitui, através de uma reflexão multiforme, semiótica e literária, uma teoria da dialogização interna do discurso. As palavras são, sempre e inevitavelmente, “as palavras dos outros”: esta intuição atravessa as análises do plurilinguismo e dos jogos de fronteiras constitutivas dos “falares sociais”, das formas linguísticas e discursivas do hidrismo [sic], da bivocalidade que permitem a representação no discurso do discurso do outro, gêneros literários manifestando uma “consciência galileiana da linguagem”, um rir carnavalesco, um romance polifônico”. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26-27)

mas que lhe é necessário desconhecer; assim, a forma “normal” dessa negociação se assemelha ao mecanismo da denegação<sup>4</sup>” (Authier-Revuz, 2004, p. 72).

Ambas as heterogeneidades são irreduzíveis, mas articuláveis e necessariamente solidárias. Contudo, nosso interesse se centrará na heterogeneidade mostrada que se manifesta explicitamente no plano da enunciação: distanciamento, descentramento ou divisão do sujeito, marcas polifônicas ou de interdiscurso. Os pontos localizáveis da heterogeneidade mostrada se reconhecem através de algumas irregularidades gramaticais, variações formais do código, o discurso interrompido e marcas tipográficas. Tais manifestações, conseqüentemente, podem ser de duas classes: marcadas e não marcadas. As formas marcadas estabelecem o lugar do “Outro” através de uma marca própria. De acordo com Authier-Revuz (1990) “[...] chamo de “heterogeneidade mostrada” por inscreverem o outro na seqüência do discurso – discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre, ironia”. Authier-Revuz diferencia as formas marcadas (discurso direto, citação, aspas, itálicos) das formas não marcadas (ironia, pastiche, discurso indireto livre, metáforas, etc.).

### A heterogeneidade mostrada em “O último sonho de minha mãe”

Como afirma Authier-Revuz, a heterogeneidade mostrada se diferencia da heterogeneidade constitutiva devido às marcas explícitas do “Outro” que deixa no texto. Analisaremos agora o texto de Pedro Almodóvar em busca da heterogeneidade mostrada. A primeira marca do “Outro” no discurso de Almodóvar se faz presente numa fala de sua mãe ao questioná-lo sobre a não adoção do sobrenome dela em seu nome público. Sabe-se que na Espanha é habitual os filhos adotarem dois sobrenomes: o do pai primeiro e o da mãe segundo. Eis a fala de Francisca Caballero: **“Você se chama Pedro Almodóvar Caballero. O que é esse Almodóvar sozinho?”** (p. 249, linhas 10-12). Aqui a mãe requer a participação dela na constituição do sujeito Pedro Almodóvar Caballero. Ao usar o texto integral da mãe, na forma de discurso direto, Almodóvar dá lugar de destaque ao enunciado da mãe junto ao seu discurso. É uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e marcada.

Ainda pensando na relação mãe-filho, Almodóvar coloca em cena o poeta espanhol Federico García Lorca através da citação seguinte: **“As pessoas pensam que os filhos são questão de dar um tempo. Mas isso dura. Muito tempo. MUITÍSSIMO tempo.”** (p. 249, linhas 13-15). Neste trecho percebe-se que Almodóvar faz uso do discurso do poeta para concatená-lo à

---

<sup>4</sup> Denegação ou negação é a tradução do termo alemão *Verneinung*. Segundo Freud: “a negação é uma forma de percação do reprimido; na realidade já supõe um relaxamento da repressão, mas não, logicamente, uma aceitação do reprimido. Vemos como a função intelectual se separa, neste ponto, do processo afetivo. Com o auxílio da negação é anulada uma das conseqüências do processo repressivo: a de que seu conteúdo de representações não consiga acesso até a consciência. Resulta daí uma espécie de aceitação ao reprimido, ao mesmo tempo que ainda subsiste a parte essencial da repressão” (Freud, sd, p. 294). No original: “*Die Verneinung ist eine Art, das Verdrängte zur Kenntnis zu nehmen, eigentlich schon eine Aufhebung der Verdrängung, aber freilich keine Annahme des Verdrängten. Man sieht, wie sich hier die intellektuelle Funktion vom affektiven Vorgang scheidet. Mit Hilfe der Verneinung wird nur die eine Folge des Verdrängungsvorganges rückgängig gemacht, daß dessen Vorstellungsinhalt nicht zum Bewußtsein gelangt. Es resultiert daraus eine Art von intellektueller Annahme des Verdrängten bei Fortbestand des Wesentlichen an der Verdrängung*” (Freud, 1925, p. 218).

relação com sua mãe. Pode, ainda, ser interpretado como o ato de dar voz a um argumento de autoridade em seu texto. É também uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e marcada

Prosseguindo com o texto, Almodóvar relata as condições de precariedade em que vivia com sua família em La Mancha, interior da Espanha. Apesar da situação socioeconômica pouco favorável, ele diz que a mãe era muito criativa e inventiva e uma vez mais para qualificar a mãe, dá lugar ao povo de La Mancha através de um dito coloquial: **“é capaz de tirar leite de uma galheta de azeite.”** (p. 250, linhas 7-8). Nesta passagem, como nas anteriormente citadas, Almodóvar faz uso do discurso direto e insere no seu texto um enunciado do povo de La Mancha para qualificar uma filha de La Mancha: a sua mãe. Mais uma vez é uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e marcada.

Nesta parte do texto, Almodóvar fala sobre o ofício da mãe: escritura e leitura de cartas para a gente analfabeta de sua aldeia. Assim, devido ao trabalho da mãe, Almodóvar a compara a Dora, personagem de Fernanda Montenegro no filme brasileiro *Central do Brasil*. Diz que a mãe fantasiava na leitura das cartas (lia coisas que não estavam escritas); ele percebe e pergunta a ela por que faz aquilo. Almodóvar, fazendo uso das aspas, como fez com as citações anteriores, insere a resposta de sua mãe à indagação feita: **“Mas você viu como ela ficou contente?”** (p. 250, linha 30). Aqui está mais uma marca do “Outro” no discurso de Almodóvar. Este “Outro” é a mãe de um passado pobre de infância em La Mancha. Aqui também é possível perceber uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e marcada.

Agora Almodóvar faz uso do discurso indireto para falar dos desejos da mãe quanto ao seu funeral. Para isso coloca em cena dois personagens: sua mãe e sua irmã. Eis o enunciado com sujeitos triplos: **Faz 20 anos que minha mãe disse à minha irmã mais velha, Antonia, que tinha chegado o tempo de preparar a sua roupa de morte.** (p. 251, linhas 3-4). Aqui, como o discurso é indireto, não há o uso de aspas, bem como nos casos idênticos consequentes. A voz da mãe é retomada de um terceiro, a sua irmã Antonia. É uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e não marcada.

Ainda sobre a preparação da mãe para os seus momentos finais, Almodóvar apresenta o discurso de Antonia. Primeiro com o discurso direto e com o uso das aspas, evidentemente, ele assim apresenta o discurso de Antonia sobre sua mãe: **“Fomos à rua de Postas” “compramos o hábito de Santo Antônio, castanho com o cordão.”** (p. 251, linhas 5-7). A passagem é uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e marcada. Segundo, Almodóvar utiliza o discurso indireto para colocar Antonia no enunciado quando diz: **Minha mãe também lhe disse que queria a imagem do santo presa com um alfinete ao peito. E os escapulários da Virgem das Dores. E a medalha de santo Isidoro de Madri. E um terço nas mãos.** (p. 251, linhas 6-9). Esse trecho apresenta uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e não marcada. Agora ele volta a fazer uso do discurso direto de Antonia ao relatar uma fala da mãe: **“Um dos meus terços velhos” “Os bons são para vocês”** (p. 251, linhas 10-11). O “vocês” do último enunciado, de acordo com Almodóvar, faz referência à sua segunda irmã, María Jesús. É uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e marcada.

Nesta parte, Almodóvar coloca mais uma vez sua irmã Antonia no discurso. Ele pede a ela explicação sobre a mantilha negra (uma espécie de véu que as viúvas enlutadas usam). A resposta dela é inserida no texto na forma de discurso indireto. Eis: **Antigamente, as viúvas punham um véu de gaze negra, muito espesso, para testemunhar seu desgosto e a perda que as atingia. À medida que o tempo passava e o desgosto diminuía, o véu era encurtado. No início, caía-lhes até a cintura, e no fim não passava dos ombros.** (p. 251, linhas 14-18). Só sabemos que este trecho longo não pertence a Almodóvar através do enunciado posterior em que ele refere a essa passagem com o termo “explicação”. No dialogismo do texto, o autor dá lugar à sua irmã, mas faz isso de forma discreta, ao abandonar o uso das aspas e optar pelo discurso indireto. A mãe queria “ir” de mantilha; uma eterna viúva. É uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e não marcada.

Outra vez Antonia é utilizada para dar voz ao enunciado da mãe. Nesta passagem de discurso indireto, Antonia referindo à mãe, diz: **Ela disse também que queria ir descalça, sem meias nem sapatos.** (p. 251, linhas 21-22). Aqui percebe-se uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e não marcada. E para confirmar a voz da mãe via Antonia, ele usa o discurso direto e diz: **“Se me atarem os pés” “vocês devem desatá-los antes que me punham na tumba. Devo entrar sem ataduras lá aonde vou.”** (p. 251, linhas 22-24). O enunciado da mãe é importante para o texto do autor, mas como ele não teve acesso a tal discurso em primeira mão (via mãe), ele utiliza o enunciado da irmã que, talvez por ser mais próxima à mãe, conseguiu de antemão. A vida corrida de diretor de cinema de renome mundial é causa do distanciamento em relação à mãe. Neste trecho temos uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e marcada.

Neste trecho Almodóvar apresenta um novo recurso: o itálico. Ele introduz um termo, *cabezada* (p. 251, linha 27), palavra esta de sua aldeia, Calzada de Calatrava<sup>5</sup> que tem o significado de condolências para referir ao ato de pêsames que os seus conterrâneos lhes prestaram. Ao tomar um termo de sua aldeia natal, Almodóvar valoriza o dizer coloquial de sua gente e mostra que mesmo tendo saído de lá, mantém em seu discurso resquícios de seu passado, a ponto de enunciar tal termo do seu torrão natal. É uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e marcada.

Nesta passagem, Almodóvar faz referência à visita que ele e Agustín, seu irmão, fizeram à mãe em seu leito de morte. E aqui o enunciado refere-se aos dois enquanto “nós”. **Perguntou-nos se havia uma trovoada nesse momento, e nós lhe dissemos que não. Perguntamos como se sentia, e ela nos disse que se sentia muito bem; perguntou a Agustín novidades sobre os filhos, que tinham acabado de regressar de férias. Agustín disse que os veria durante o fim de semana e que iriam comer juntos. Minha mãe perguntou se ele já tinha ido fazer compras para as refeições, e meu irmão disse que sim.** (p. 252, linhas 11-17). Neste longo trecho em discurso indireto, Almodóvar coloca em cena o produtor de cinema, seu irmão Agustín Almodóvar. No relato, traz um diálogo entre a mãe e eles. Aqui a mãe do autor se apresenta como o sujeito

---

<sup>5</sup> O texto em português utiliza erradamente o nome da aldeia. Escreve Calzada de Calatrevá, quando o correto é Calzada de Calatrava.

psicanalítico “mãe”, desta vez preocupada com os netos. É uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e não marcada.

Almodóvar, ainda em visita à mãe no hospital, diz a ela que precisa ir à Itália promover o seu novo filme; a saber, *Tudo sobre minha mãe*, a título de curiosidade, filme que trata de uma situação de perda, só que no filme acontece o inverso, é a mãe que perde o filho. Ele fala para a mãe, que se ela quiser, ele fica em Madri, mas ela responde através deste discurso indireto: **Disse-me para partir e fazer o que tinha de fazer.** (p. 252, linha 19). Aqui o argumento da mãe é utilizado como forma de autoridade para dizer que o autor não fugiu das suas responsabilidades de filho. Esta também é uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e não marcada.

Mas dona Francisca Caballero ainda inquietava-se em relação à viagem, não por ela, já estava no leito de morte, mas pelos filhos de Agustín. Dessa forma ela pergunta a Agustín: **“E quem vai se ocupar das crianças?”** (p. 252, linhas 20-21). É uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e marcada. O autor faz uso do discurso direto para utilizar as palavras da mãe, mas não o faz na resposta dada pelo irmão à mãe, que ficou assim: **Agustín disse-lhe que não me acompanharia, que ele ia ficar. Ela achou que estava bem.** (p. 252, linhas 21-22). Quem tem lugar nesses enunciados é a mãe cuidadosa, sempre preocupada com os filhos e netos. Aqui já temos uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e não marcada.

Para finalizar a visita, entra uma enfermeira. Almodóvar, utilizando do discurso indireto, coloca a voz da enfermeira no texto quando diz: **Uma enfermeira entrou e disse que o nosso tempo de visita tinha acabado. Anunciou à minha mãe que iam lhe trazer a refeição.** (p. 252, linhas 23-24). É mais uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e não marcada. E por último, utiliza uma frase da mãe, em discurso direto, para coroar a polifonia que constitui o seu texto. A mãe respondendo à enfermeira: **“A comida não vai estorvar muito o meu corpo.”** (p. 252, linha 25). Neste trecho, Almodóvar qualifica a resposta da mãe de bonita e bizarra. Parece haver aqui uma mãe já cônica do destino que a aguarda: a morte. É uma forma de heterogeneidade enunciativa mostrada e marcada.

## Epílogo

O texto que foi analisado pôde mostrar o quão polifônico pode ser um discurso. As vozes que manifestam no texto ajudam, e de certa forma constituem, o discurso do sujeito Pedro Almodóvar Caballero. Através do discurso, percebemos a existência de um sujeito do inconsciente, dividido, clivado, descentrado. Também percebemos que o locutor, enquanto portador de um “eu”, dono de um discurso próprio e só seu, é mera ilusão.

O dialogismo do texto mostra, ainda, que o discurso é atravessado pelo discurso do “Outro”. As marcas desse “Outro” aparecem em várias passagens texto, seja por meio do discurso direto, indireto ou itálico. O texto se assemelha a um filme em que os personagens assumem os seus papéis e por isso tem direito a voz. Pensando na atuação profissional de Pedro Almodóvar, não seria essa mais uma forma de manifestar a sua cosmovisão de cineasta?

## Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: n. 19, p. 25-42, jul./dez.1990.

\_\_\_\_\_. Hétérogénéité(s) énonciative(s). **Langages**. Paris: vol.19, n.73, p. 98-111, mar.1984. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge\\_0458-726x\\_1984\\_num\\_19\\_73\\_116](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726x_1984_num_19_73_116)>. Acesso em: 03 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAJTÍN, M. M. **Estética de la creación verbal**. Tradução de Tatiana Bubnova. 10.ed. México: Siglo XXI, 1999.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

CABALLERO, Pedro Almodóvar. **El último sueño**. El País, 14 set. 1999. Disponível em <[http://elpais.com/diario/1999/09/14/opinion/937260006\\_850215.html](http://elpais.com/diario/1999/09/14/opinion/937260006_850215.html)>. Acesso em: 13 set. 2013.

\_\_\_\_\_. **O último sonho de minha mãe**. In: STRAUSS, Frédéric. Conversas com Almodóvar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 249-252.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20.ed. São Paulo: Edições Loyola: 2010.

FREUD, Sigmund. Die Verneinung. **Imago. Zeitschrift für die Anwendung der Psychoanalyse auf die Geisteswissenschaften**, vol.11, n.3, p. 217-221, 1925.

\_\_\_\_\_. A negação. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. Volume 11. Tradução de Elias Davidovich e Isaac Izecksohn. Rio de Janeiro: Editora Delta, (s/d), p. 293 e 297.